

REFLEXÕES SOBRE O TEMPO E O ASPECTO EM DIFERENTES TIPOS SEQUENCIAIS E EM DIFERENTES GÊNEROS DISCURSIVOS

PAULO NUNES DA SILVA
(Universidade Aberta/CELGA)

ABSTRACT: *This article presents some comparative results of an investigation project about temporal and aspectual properties in texts of different sequence types (namely narrative and descriptive; cf. Adam (2001)) and, simultaneously, in texts of different discourse genres. It is argued that aspectual classes (cf. Moens (1987)) and temporal relations among eventualities depend upon the choice of the sequence type: narrative sequences include mainly events and the temporal relation of precedence; descriptive sequences include mainly states and the temporal relation of overlapping. It is also pointed out that narrative sequences present a more complex temporal and aspectual structure than descriptive sequences. Furthermore, the results of the analysis of two narrative sequences which belong to two different discourse genres suggest that some discourse genres also play an important role on determining the temporal and aspectual properties of a textual sequence.*

KEYWORDS: *sequence type; discourse genre; tense; aspectual class; temporal relation*

1. Apresentação

O trabalho de investigação que desenvolvemos nos últimos anos incide sobre os mecanismos linguísticos que asseguram a coesão temporal e aspectual em textos contemporâneos reais. Esses mecanismos incluem as classes aspectuais das eventualidades denotadas no discurso, os tempos verbais, os adverbiais temporais e os conectores com valor temporal.

Com este artigo, propomo-nos apresentar, sob a forma de súmula sistematizada, o quadro teórico no âmbito do qual temos vindo a desenvolver a investigação, explicitando os problemas detectados e as hipóteses de trabalho colocadas (quer as que procurámos inicialmente testar, quer as que, entretanto, à luz das conclusões a que chegámos, foram sendo colocadas). Indicaremos, então, as principais ideias a que nos conduziu a investigação realizada, assim como algumas pistas que procuraremos seguir em próximos trabalhos.

Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, pp. 369-394

Deste modo, o presente artigo constitui uma reflexão situada a meio de um percurso parcialmente percorrido. Nele, simultaneamente, enunciamos parte do que já se investigou, e anunciamos o que se pretende continuar a investigar, redefinindo quer os problemas a colocar, quer as hipóteses de trabalho a testar.

2. Enquadramento teórico-metodológico da investigação desenvolvida, problemas a investigar e hipóteses de trabalho testadas

É uma ideia actualmente consensual que as categorias linguísticas tempo e aspecto devem ser estudadas de forma integrada. Nas línguas naturais, o que geralmente se localiza no tempo são as eventualidades denotadas no discurso¹. Ora, a estrutura interna dessas eventualidades é relevante quer para a localização temporal que o locutor pode estabelecer, quer para determinar as combinações possíveis com adverbiais temporais. O carácter durativo ou pontual das eventualidades, assim como a existência ou não de uma fronteira temporal final intrínseca (ponto de culminação, segundo Moens (1987)), revelam-se factores decisivos para situar a eventualidade no eixo cronológico. O objecto de localização temporal (a categoria linguística aspecto) e o modo de localização temporal (a categoria linguística tempo) constituem, por isso, as duas faces de uma mesma moeda.

Nas análises efectuadas, inicialmente procurámos averiguar acerca da existência de propriedades temporais e aspectuais prototípicas de sequências textuais monogeradas (cf. classificação de Adam (2001)). O objectivo principal consistiu em determinar se há características inerentes a cada um destes protótipos sequenciais. O problema sobre o qual nos propusemos investigar pode, portanto, ser explicitado através das seguintes questões:

– quando um sujeito falante escolhe apresentar os conteúdos do seu discurso segundo uma determinada organização (narrar eventos, descrever uma entidade, etc.), essa escolha pré-determina a ocorrência na superfície textual de:

a) um determinado **tempo verbal** que seja mais utilizado, isto é, que seja predominante e constitua, por isso, o tempo verbal de base?

b) um número mais elevado ou mais baixo de ocorrências de **adverbiais temporais**?

c) uma **classe aspectual** predominante (ou seja, a maioria das eventualidades denotadas no discurso insere-se numa dada classe aspectual)?

¹ É igualmente possível localizar indivíduos (Na faculdade, estudei pintores do século XVI) ou intervalos de tempo (Os meses que antecedem o verão são muito luminosos).

d) uma **relação temporal** que seja mais vezes atestada entre as eventualidades referidas, e que configure, por isso, a relação temporal dominante nesse tipo de sequência textual?

As hipóteses de trabalho que inicialmente colocámos correspondiam a uma resposta afirmativa a todas estas questões. De facto, quer enquanto sujeitos falantes nativos de português, quer considerando as reflexões de autores que abordaram estas questões (mesmo que não tenham desenvolvido um estudo sistemático e baseado num modelo teórico que, tal como o que adoptámos, analise exhaustivamente todos os constituintes que expressam valores temporais e aspectuais), a nossa intuição e as reflexões apresentadas na bibliografia disponível apontavam, directa ou indirectamente, para uma resposta afirmativa a todas as questões colocadas, em particular no que diz respeito às sequências narrativas e descritivas.

Identificado o problema, justificava-se, então, investigá-lo com base em hipóteses de trabalho claramente enunciadas, e adoptando um modelo de análise que, simultaneamente, garantisse coerência e consistência teórica, e englobasse todos os elementos envolvidos na expressão do tempo e do aspecto. Assim, procurámos, em primeiro lugar, caracterizar os textos de cada protótipo sequencial a nível das suas propriedades temporais e aspectuais.

Esta investigação situa-se numa área em que se dá a intersecção do objecto de estudo da Linguística Textual com o objecto de estudo da Semântica temporal e aspectual. Em função da área de investigação, do objecto de análise e dos objectivos formulados, o modelo teórico-metodológico adoptado integra:

a) a tipologia de sequências textuais proposta por Adam (2001), que inclui cinco protótipos sequenciais (quatro protótipos sequenciais monogerados – de tipo narrativo, descritivo, argumentativo e explicativo –, e um poligerado – de tipo dialogal); os textos seleccionados para análise, nos quais procurámos determinar as respectivas propriedades temporais e aspectuais, actualizam os diferentes tipos sequenciais monogerados previstos nesta classificação;

b) uma teoria das classes aspectuais em que se inserem as eventualidades representadas no discurso: a teoria proposta por Moens (1987), que se filia nas reflexões de Vendler (1967);

c) uma teoria que se aplica à explicitação das relações temporais entre as eventualidades, e que trata de um modo integrado as categorias tempo e aspecto: a *Teoria da Representação do Discurso* de Kamp e Reyle (1993).

As propostas da teorização de Kamp e Reyle, contudo, não servem para explicar satisfatoriamente alguns casos – cujo exemplo mais célebre é, possivelmente, o do enunciado *A Maria cantou e o Pedro acompanhou-a ao piano*. Esta teoria não permite explicar de forma adequada a relação de sobreposição temporal entre as duas eventualidades que são denotadas em enunciados com formas verbais no Pretérito Perfeito Simples (“A Maria cantou” e “o Pedro acompanhou-a ao piano”) aparentemente porque privile-

gia os valores de tipo gramatical (temporais e aspectuais) e não prevê que o semantismo do lexema verbal também é relevante para a localização temporal das eventualidades e para as relações de ordem temporal que se estabelecem entre elas.

Nos casos em que a *Teoria da Representação do Discurso* se revela insuficiente, o conceito de relação discursiva permite uma interpretação adequada, em particular quando não são manifestados mecanismos lexicais ou gramaticais que assinalem o tipo de relação (temporal ou de outro tipo) que se estabelece entre as eventualidades denotadas nos enunciados. Para processar a informação global veiculada pelo texto (quer a informação de tipo lexical, quer a informação de tipo gramatical), e explicitar correctamente as relações temporais entre as eventualidades, o conceito de relação discursiva revela-se decisivo.

Vejamos alguns casos em que é importante o recurso a esse conceito para determinar as relações de ordem temporal entre as eventualidades referidas:

– enunciados cujas eventualidades mantêm entre si uma relação discursiva de *RESULTADO* (*O António empurrou o Carlos. O Carlos caiu.*) ou de *CAUSA* (*O Carlos caiu. O António empurrou-o.*); no primeiro caso, há isomorfismo entre os planos do discurso e da realidade objectiva, mas no segundo, não;

– enunciados cujas eventualidades mantêm entre si uma relação discursiva de *ELABORAÇÃO*; em *Esta manhã não parei um segundo: acordei, fiz as camas, preparei o pequeno-almoço, levei a Catarina à escola e vim até ao Porto*, há sequencialidade temporal entre as eventualidades “acordei”, “fiz as camas”, “preparei o pequeno-almoço”, “levei a Catarina ao colégio” e “vim até ao Porto”; todavia, em *No ano passado, a Ana escreveu um livro, organizou um colóquio, deu aulas e foi ao Brasil nas férias*, há indeterminação temporal entre as eventualidades denotadas por “a Ana escreveu um livro”, “organizou um colóquio”, “deu aulas” e “foi ao Brasil nas férias”.

Dada a relevância destas e de outras relações discursivas para o tratamento da expressão do tempo e do aspecto, o modelo teórico adoptado integra, ainda,

d) as propostas da *Teoria da Estrutura Retórica* de Mann e Thompson (1987). No modelo adoptado, estas propostas são complementadas por reflexões de Lascarides e Asher (1991, 1993), nomeadamente a nível da definição de relações discursivas como *NARRAÇÃO*², *RESULTADO*³ e *CAUSA*⁴

² «The event described in clause β is a consequence of (but not necessarily caused by) the event described in clause α », Lascarides e Asher (1991: 55).

³ «The event described in clause α caused the event described in clause β », Lascarides e Asher (1991: 55).

⁴ «The event described in clause β caused the event described in clause α », Lascarides e Asher (1991: 55).

(ou *EXPLICAÇÃO*). Ambos os quadros teóricos têm como objectivo explicitar as relações de significado que subjazem a segmentos textuais e que estruturam o texto, de tal modo que o processamento da informação textual engloba conhecimento linguístico e conhecimento do mundo. Mas a teorização de Lascarides e Asher (1991, 1993) concede uma particular atenção ao cálculo das relações temporais entre as eventualidades denotadas nos textos.

A investigação decorre, também, de algumas reflexões programáticas de Jean-Michel Adam. Este autor tem vindo a apontar com regularidade linhas de pesquisa pertinentes para a Linguística Textual. Relembremos duas pistas de investigação complementares que Adam indicou no programa de trabalho apresentado no final da sua obra de 1999 *Linguistique Textuelle. Des genres de discours aux textes*:

a) uma pista de investigação, filiada em propostas de Bakhtine, consiste na abordagem geral dos géneros discursivos. Os géneros discursivos condicionam as produções verbais em diferentes níveis. Algumas reflexões já efectuadas (cf. Silva (2005a, 2005b, 2006, 2009)) sugerem que os mecanismos de expressão do tempo e do aspecto dependem também do género discursivo em que se insere um dado texto. Segundo Bakhtine (1984: 268), «ignorer la nature de l'énoncé et les particularités de genre qui marquent la variété du discours dans un quelconque domaine de l'étude linguistique mène au formalisme et à l'abstraction, dénature l'historicité d'une étude, affaiblit le lien qui existe entre la langue et la vie»; esta pista aponta para a necessidade de se investigar e reflectir sobre classes de textos, com saliência para os géneros discursivos;

b) outra pista de investigação consiste na análise de textos considerados na sua singularidade. Adam destacou a importância de coleccionar o maior número possível de estudos de caso; nas palavras deste autor (Adam, 1999: 190), uma das tarefas da Linguística Textual consiste em «étudier chaque texte dans son historicité de fait de parole toujours singulier»; esta pista complementa a anterior, e aponta para a necessidade de se investigar e reflectir sobre textos singulares.

As investigações já concretizadas radicam na articulação entre estas duas linhas orientadoras: analisar textos singulares, condicionados por factores contextuais sempre únicos, e enquadrar essas análises em reflexões sobre os géneros discursivos, ou seja, tendo em consideração que cada texto, sendo sempre único, é também um produto condicionado, em todos os níveis, por outros textos prévios do mesmo sujeito falante e de inúmeros outros sujeitos falantes.

Radicam, igualmente, no entrecruzamento dos conceitos de protótipo sequencial e de género discursivo. Recorde-se a distinção, estabelecida por autores como Petitjean (1989) e Adam (2001), entre protótipos sequenciais e géneros discursivos: protótipos sequenciais são classes de sequências tex-

tuais (que não coincidem necessariamente com textos completos), cuja definição e delimitação tem uma motivação de natureza cognitiva, pré-linguística. Trata-se fundamentalmente de esquemas abstractos de organização dos textos a nível da representação dos conteúdos que o locutor pretende manifestar. Na teorização de Adam (2001), as sequências textuais configuram um conjunto fechado constituído pelos tipos narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal.

Os géneros discursivos são classes textuais concebidas a partir de propriedades que os textos manifestam (como a organização interna, o tema dominante, o acto ilocutório realizado, o efeito perlocutório pretendido, etc.), e que incluem exemplares como o editorial, a crónica, o dicionário, o soneto, o romance, o decreto-lei, a encíclica ou a tese de doutoramento. Deste modo, os géneros são definidos com base em critérios diversificados e heterogéneos, e configuram um conjunto aberto, susceptível de ser ampliado em função da crescente complexificação das práticas discursivas nas sociedades humanas contemporâneas.

Eis então o que nos propomos continuar a realizar em termos de investigação: analisar a expressão do tempo e do aspecto em vários textos que actualizam um mesmo protótipo sequencial e que, simultaneamente, se inserem em géneros discursivos diversificados. Após uma fase inicial em que demos ênfase apenas aos protótipos sequenciais, na actual fase, procuramos determinar que propriedades resultam do facto de o texto actualizar um dado protótipo sequencial e que propriedades decorrem do facto de esse texto se inserir num determinado género discursivo. Assim, temos agora em consideração novas variáveis: não apenas as classes de textos correspondentes aos protótipos sequenciais de Adam (2001), mas também as que correspondem aos géneros discursivos.

A nova hipótese de trabalho subjacente à investigação é a seguinte: há propriedades temporais e aspectuais que dependem do protótipo sequencial que esse texto actualiza, e outras que são condicionadas pelo género discursivo em que ele se insere.

As propriedades temporais e aspectuais comuns a todas sequências textuais que actualizam um dado protótipo sequencial (por exemplo, o protótipo sequencial narrativo) são típicas dos textos desse protótipo sequencial; as propriedades temporais e aspectuais atestadas apenas em alguns textos que actualizam um dado protótipo sequencial, nomeadamente naqueles que se inserem num determinado género discursivo (por exemplo, no género relato de acontecimento desportivo em directo), são típicas dos textos que actualizam o género em causa, mas não são pré-determinadas pelo protótipo sequencial.

3. Metodologia de trabalho

A metodologia que seguimos consistiu nas seguintes fases:

– selecção de sequências textuais de tipo narrativo e descritivo (entre as sequências de tipo narrativo, foi seleccionada uma que se insere no género

discursivo relato de acontecimento desportivo em directo, género que evidencia especificidades a nível das propriedades temporais e aspectuais, como veremos);

- identificação e contabilização de todos os elementos relevantes para a investigação a desenvolver (tempos verbais, adverbiais temporais, conectores com valor temporal, classes aspectuais das eventualidades denotadas);

- indicação das relações discursivas inferíveis entre segmentos textuais (em particular, as que são relevantes para a análise da expressão do tempo e do aspecto);

- explicitação das relações temporais entre as eventualidades;

- análise e interpretação dos dados recolhidos;

- elaboração das conclusões extraídas com base na análise e interpretação dos dados recolhidos;

Esta metodologia, assente nas reflexões teóricas explicitadas na secção anterior, assegura o tratamento articulado dos mecanismos de expressão do tempo e do aspecto. Note-se que, para descrever todas as relações temporais estabelecidas entre as eventualidades referidas nos textos, foi também necessário explicitar as redes de ligações a nível de significado atestadas entre os diferentes segmentos textuais (vulgarmente designadas por relações discursivas ou relações retóricas, no âmbito dos estudos sobre coerência relacional).

Nas secções seguintes, indicaremos algumas dificuldades surgidas ao longo do processo de investigação. Todavia, não adiantaremos, neste artigo, outras questões relacionadas com a metodologia adoptada, dada a falta de espaço para o efeito, e porque preferimos centrar a nossa atenção na sistematização das principais propriedades temporais e aspectuais das sequências textuais analisadas e na apresentação de conclusões.

4. O tempo e o aspecto numa sequência descritiva

Começemos por assinalar o que caracteriza as sequências de tipo descritivo. Uma descrição consiste na representação de um objecto ou entidade no seu todo, nas suas partes e nas respectivas propriedades. Qualquer descrição é composta por uma sucessão de predicções enunciadas acerca de uma entidade ou de várias. Sendo definida como um conjunto de elementos associados a um centro temático, há quatro operações que estão na base da sequência descritiva – ver Adam (2001) e Petitjean (1989):

a) a operação de Identificação (*ancrage*) é aquela em que se assinala o tema, o todo que é objecto de descrição;

b) a operação de Listagem (*aspectualisation*) é aquela em que se enumera as características e as partes em que o objecto se subdivide;

c) a operação de Relacionamento (*mise en relation*) é aquela em que se associa o objecto descrito ou as suas partes a outros objectos, pela comparação ou pela metáfora; também a localização temporal e espacial do objecto da descrição se incluem nesta operação;

d) a operação de Encaixe por subtematização (*enchâssement par sous-thématisation*) é aquela em que se toma uma das partes do todo como objecto de uma nova descrição; esta operação depende, por isso, da operação de Listagem.

Os procedimentos de Identificação e de Listagem constituem a essência da descrição e garantem a unidade da sequência descritiva. Na Identificação, apresenta-se o todo; na Listagem, esse todo é caracterizado e subdividido nas partes que o compõem. O facto de se poder resumir um segmento discursivo (por exemplo, a descrição da fachada de um edifício) numa única designação (como “Museu de História Natural”) é precisamente o que traduz a especificidade da descrição.

Por outro lado, as operações de Listagem e de Encaixe por subtematização contribuem para que a representação da estrutura macroproposicional subjacente à descrição seja hierarquizada e vertical, em contraste com a representação da estrutura macroproposicional da sequência narrativa, que é linear e horizontal.

A operação de Relacionamento permite aproximar o todo que é objecto da descrição a outro(s) objecto(s), segundo relações de analogia, assim como localizá-lo no tempo e no espaço.

A operação de Encaixe por subtematização consiste em tomar uma parte ou propriedade do objecto da descrição como objecto de uma nova descrição. Por exemplo, cada uma das partes anteriormente explicitadas através da operação de Listagem pode, subsequentemente, ser caracterizada sob diversas dimensões e ser, por sua vez, segmentada em outras partes, através da operação de Encaixe por sub-tematização. Este procedimento descritivo decorre, portanto, da operação de Listagem e inaugura um novo procedimento de Identificação, situado num nível hierárquico inferior relativamente à operação de Identificação do todo que é objecto de descrição. A operação de Encaixe por subtematização constitui, assim, a base da expansão descritiva que, em teoria, se pode prolongar indefinidamente.

Quanto à **sequência descritiva** analisada, ela constitui o excerto de um texto publicado numa obra de história da arte. O objecto da descrição é a fachada de um edifício emblemático da Universidade de Coimbra: o Museu de História Natural, erguido no âmbito das reformas pombalinas. Na transcrição da sequência descritiva (ver anexo 1), as formas verbais estão a negro e os adverbiais temporais estão sublinhados.

Recordemos a questão que constituiu o ponto de partida da nossa análise: quando um locutor escolhe produzir uma sequência textual descritiva, essa selecção determina a ocorrência, na superfície textual, de mecanismos temporais e aspectuais inerentes ao tipo sequencial escolhido? Por outras palavras, há propriedades temporais e aspectuais específicas das sequências descritivas?

O tempo verbal de base na sequência analisada é o Presente do Indicativo, que ocorre 10 vezes em 16 predicacões. A sua preponderância é sintacticamente salientada pelo facto de, nas 8 orações principais atestadas no texto, ocorrerem exclusivamente formas de Presente do Indicativo. Outras formas verbais que ocorrem nesta sequência são as formas de Infinitivo (3 ocorrências), de Gerúndio (2 ocorrências) e de Pretérito Imperfeito (1 ocorrência). É importante destacar que foram contabilizadas apenas as formas verbais que funcionam como núcleo predicativo.

Entre as 16 eventualidades denotadas na sequência descritiva, 15 ocorrem em frases com formas verbais de Presente do Indicativo ou que dependem sintáctica e temporalmente de frases com formas verbais no Presente do Indicativo. Todas estas eventualidades são localizadas num intervalo de tempo que inclui o intervalo de tempo da enunciação. Observa-se entre elas a relação de sobreposição temporal.

Uma única eventualidade é denotada numa frase com forma verbal no Pretérito Imperfeito; essa eventualidade é localizada num intervalo de tempo anterior ao intervalo de tempo da enunciação, e é situada no eixo cronológico pelo adverbial temporal *em 1779*.

Ocorre apenas um adverbial temporal nesta sequência textual: precisamente o adverbial temporal de localização *em 1779*. Veremos que, em comparação com o que se observa em sequências textuais de tipo narrativo, se trata de uma taxa de ocorrência muito baixa.

Quanto às classes aspectuais das eventualidades denotadas, ocorrem unicamente situações estativas: em 16 proposições são representados 16 estados.

Entre as relações discursivas inferíveis nesta sequência descritiva, predomina a relação de *ELABORAÇÃO*⁵ (6 vezes). São inferíveis, ainda, as relações de *CIRCUNSTÂNCIA*⁶, de *AValiação*⁷ e de *LISTA*⁸ (em todos os casos, uma única vez).

⁵ A relação de *ELABORAÇÃO* é uma relação discursiva que se estabelece entre dois segmentos textuais em que um (o núcleo) manifesta uma determinada informação e o outro (o satélite) apresenta informação adicional que especifica a primeira.

⁶ A relação de *CIRCUNSTÂNCIA* é uma relação discursiva em que, a um segmento em que se expressa uma determinada informação (núcleo), se associa um outro (satélite) que apresenta um contexto adequado para a interpretação daquela informação.

⁷ A relação de *AValiação* é uma relação discursiva que consiste na apresentação de um segmento que introduz uma situação (núcleo) e de um outro que contém um comentário avaliativo relativamente a essa situação (satélite).

⁸ A relação de *LISTA* é uma relação discursiva que consiste na apresentação sucessiva de entidades ou situações. Ao contrário de outras relações discursivas, não é composta por

Uma descrição como esta, do tipo *ver*, representa a simultaneidade do objecto descrito na linearidade do discurso. Globalmente, a sequência descritiva em análise pode ser definida como um conjunto de imagens temporalmente sobrepostas entre si, e os intervalos que elas ocupam incluem o intervalo de tempo da enunciação. Há uma única excepção: através do recurso a um adverbial temporal e a uma forma verbal de pretérito imperfeito, a eventualidade denotada pelo enunciado *que andava a ser construído em 1779* é localizada no eixo cronológico num intervalo anterior ao intervalo de tempo da enunciação.

Como sujeitos falantes do português, sabemos que há sequências descritivas em que o tempo verbal de base pode não ser o Presente do Indicativo, mas o Pretérito Imperfeito. Além disso, se é certo que nesta sequência descritiva ocorre apenas um adverbial temporal, poderá haver outras em que eles sejam mais abundantes, eventualmente até em maior número do que em algumas sequências narrativas.

Defendemos, por isso, a ideia de que é ao nível das classes aspectuais e da relação temporal predominante entre as eventualidades referidas que podem ser estabelecidas as propriedades prototípicas das sequências textuais de tipo descritivo, ou seja, aquelas propriedades que se manifestam em todos os textos que actualizam este protótipo sequencial.

A sequência descritiva analisada refere unicamente situações estativas. E nela predomina a relação temporal de sobreposição, que é atestada entre quase todas as situações denotadas (15 vezes em 16 predicacões). A investigação efectuada sugere, por isso, que as sequências descritivas do tipo *ver* manifestam as seguintes propriedades:

- a) denotam predominantemente eventualidades da classe dos estados;
- b) esses estados mantêm entre si relações de sobreposição temporal.

Noutras sequências descritivas, podem ser atestadas taxas de ocorrência de adverbiais temporais mais elevadas, e podem predominar formas verbais flexionadas em tempos da esfera do passado ou até da esfera do futuro. Mas o domínio de situações estativas e da relação temporal de sobreposição entre essas situações parecem ser duas propriedades típicas das sequências descritivas.

Quanto ao tempo verbal predominante e ao número de ocorrências de adverbiais temporais, podemos conceber que as sequências descritivas manifestam tendências, como o domínio do Presente do Indicativo ou, alternativamente, do Pretérito Imperfeito, e uma taxa de ocorrência de adverbiais temporais mais baixa do que a que geralmente é atestada em sequências narrativas.

duas categorias funcionalmente distintas – um núcleo e um satélite – uma vez que, segundo Mann (2005), esta relação discursiva «does not have a particular span of text which is more central to the author's purposes».

Não é possível, evidentemente, extrair conclusões definitivas sobre os mecanismos de expressão do tempo e do aspecto nas sequências descritivas com base na análise de uma única sequência textual de tipo descritivo. O estudo efectuado permite, sobretudo, colocar hipóteses de trabalho cuja pertinência deverá ser reavaliada em futuras investigações.

Todavia, a análise permite, pelo menos, apontar algumas tendências que não colidem com a nossa intuição de sujeitos falantes nem com o que outros autores já afirmaram. Para confirmar ou infirmar as conclusões (necessariamente provisórias) agora listadas, justifica-se realizar mais investigações que permitam comparar sequências descritivas em que predominem formas verbais de diferentes esferas temporais.

5. O tempo e o aspecto em duas sequências narrativas de géneros discursivos diferentes

A seguir, propomo-nos apresentar as principais conclusões extraídas da análise de duas sequências narrativas. A sequência narrativa 1 insere-se no género discursivo dicionário temático, e a sequência narrativa 2 no género relato de acontecimento desportivo em directo.

Assinalemos, em primeiro lugar, o que caracteriza as sequências de tipo narrativo. Uma sequência narrativa foi definida por Adam (2001) com base em seis critérios:

- a sucessão de eventos;
- a unidade temática;
- a transformação de predicados;
- a configuração de um processo;
- a causalidade narrativa;
- a avaliação final (explícita ou implícita).

Estes critérios estão interligados, observando-se intersecções entre os critérios da unidade temática e da representação de um processo, assim como entre os critérios da sucessão de eventos, da causalidade narrativa e da transformação de predicados. Sublinhe-se que só o primeiro critério (a sucessão de eventos) está sob análise numa investigação sobre a expressão do tempo e do aspecto. Os restantes critérios definitórios da narrativa escapam à análise dos mecanismos de coesão temporal e aspectual, porquanto se situam num outro plano.

Quanto à **sequência narrativa 1** (ver anexo 2), ela foi publicada num dicionário temático sobre mitologia, e corresponde à totalidade do texto incluído na entrada “Guerra de Tróia”.

O tempo verbal de base nesta sequência é o Pretérito Perfeito Simples: ocorre 35 vezes em 65 predicções. Outras formas verbais com um número de ocorrências relevante são as formas de Infinitivo (11 ocorrências), de Gerúndio e de Particípio Passado (5 ocorrências cada). O predomínio do tempo verbal de base é sintacticamente salientado pelo facto de, em 28 das 30 orações principais atestadas no texto, ocorrerem formas de Pretérito Per-

feito Simples (nas outras 2 orações principais ocorrem formas de Pretérito Imperfeito).

Os restantes tempos verbais ocorrem de forma residual:

– 2 ocorrências: Pretérito Imperfeito, Pretérito Mais-que-perfeito Composto, Pretérito Mais-que-perfeito do Conjuntivo;

– 1 ocorrência: Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, Pretérito Mais-que-perfeito Simples e Futuro do Pretérito.

Em 65 predicções, foram atestados 17 adverbiais temporais; em média, mais de um quarto das predicções incluem um adverbial temporal: 13 são adverbiais de localização temporal, 2 são adverbiais temporais de duração e 2 são adverbiais temporais de frequência.

Este valor (17 adverbiais temporais em 65 predicções) contrasta com o que foi atestado na sequência descritiva: 1 único adverbial temporal em 16 predicções. Se considerarmos que a taxa de ocorrência pode ser calculada percentualmente, obteremos os seguintes valores:

– na sequência narrativa 1, a taxa de ocorrência de adverbiais temporais é de 26,2 %;

– na sequência descritiva, essa taxa de ocorrência é de apenas 6,3 %.

O valor mais elevado na sequência narrativa parece estar em consonância com a necessidade de precisar a ordem temporal entre as eventualidades que são nela referidas.

Quanto às classes aspectuais das eventualidades denotadas na sequência narrativa, são referidos:

– 29 processos culminados;

– 11 culminações;

– 10 processos;

– 10 estados.

Se agruparmos as eventualidades segundo a distinção entre situações eventivas e situações estativas, proposta por Moens (1987), nesta sequência são denotados 50 eventos e 10 estados. Predominam, por isso, situações de tipo eventivo⁹.

Entre as relações discursivas inferíveis nesta sequência narrativa, predominam as relações de *NARRAÇÃO* (11 vezes), de *RESULTADO* (8 vezes) e de *ELABORAÇÃO* (6 vezes). É ainda inferível a relação de *CAUSA* (2 vezes).

Não é invulgar que as relações de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO* sejam predominantes em sequências narrativas, que se caracterizam pela sequencialidade de situações eventivas (sequencialidade sem causalidade entre

⁹ Foram contabilizadas 65 predicções (para efeitos de ocorrência de tempos verbais) mas apenas 60 eventualidades denotadas, uma vez que ocorrem no texto cinco orações completivas infinitivas; dadas as dificuldades que estas construções sintáticas implicam (em termos quer de dissecação das eventualidades referidas, quer da relação temporal entre a eventualidade denotada na oração principal e a eventualidade referida na oração subordinada), optámos por conceber que cada oração completiva infinitiva configura, juntamente com a respectiva oração principal, um único evento complexo.

as eventualidades, no caso da relação discursiva de *NARRAÇÃO*, e sequencialidade com relações de causa-efeito, no caso da relação discursiva de *RESULTADO*). Quando são atestadas estas duas relações discursivas, há isomorfismo entre os planos discursivo e da realidade objectiva, ou seja, a ordenação das eventualidades no discurso reflecte a ordem pela qual elas se deram na realidade que é objecto da sequência narrativa.

Também é comum a relação discursiva de *CAUSA* ser inferível em sequências narrativas; neste caso, todavia, ao contrário do que sucede nas relações de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO*, a ordenação das eventualidades no plano do discurso é inversa à ordem pela qual elas ocorreram na realidade que é objecto da narração (seja a realidade objectiva ou uma realidade ficcionada).

Estas três relações discursivas promovem a progressão temporal entre as situações eventivas que os enunciados denotam.

Tendo em consideração o que já foi referido a propósito da sequência descritiva, a análise efectuada sugere que as sequências narrativas evidenciam as seguintes propriedades prototípicas:

- a) denotam predominantemente situações eventivas;
- b) as eventualidades denotadas predominantemente mantêm entre si relações de sequencialidade temporal.

Justifica-se, agora, partilhar duas das dificuldades sentidas na análise da sequência narrativa 1. A primeira dessas dificuldades é explicitada na seguinte questão: o par oração principal/oração completiva infinitiva denota duas eventualidades distintas ou uma única eventualidade complexa?

Em certos casos, parece ser possível interpretar as situações denotadas pelo par oração principal/oração completiva infinitiva como duas eventualidades, inclusivamente localizadas em intervalos de tempo distintos. Veja-se o exemplo seguinte, atestado na sequência narrativa 1:

Todos os pretendentes a essa princesa juraram aceitar o marido que ela escolhesse.

Neste caso, é plausível conceber que são denotadas duas eventualidades, e que o intervalo de tempo em que se situa a eventualidade “todos os pretendentes a essa princesa juraram algo” é anterior ao intervalo ocupado pela eventualidade “aceitar o marido”¹⁰.

Contudo, noutras estruturas de complementação parece evidente que as eventualidades denotadas nestas construções não configuram duas situações ontologicamente diferentes. É o que acontece no exemplo seguinte:

¹⁰ É possível, todavia, argumentar que expressam uma única situação – “jurar algo” – independentemente de, num intervalo de tempo posterior, se concretizar na realidade extralinguística o estado de coisas “aceitar o marido [que ela escolhesse]”, proposto no juramento.

*Os portugueses matam-se ao volante por duas razões: porque são selvagens e porque não sabem conduzir.*¹¹

No enunciado *porque (os portugueses) não sabem conduzir*, o par oração principal/oração subordinada não denota duas eventualidades distintas: uma correspondente a “porque (os portugueses) não sabem” e outra correspondente a “conduzir”. Como tratar então estes casos?

Uma resposta adequada a esta dificuldade deverá contemplar uma proposta de análise da temporalidade que integre e articule informações relativas ao significado lexical dos verbos das duas orações com as informações veiculadas por tempos e modos verbais, pelas classes aspectuais e por advérbios temporais. Ora, no desenvolvimento actual das investigações não temos conhecimento de que haja um tratamento integrado deste tipo que, de forma sistemática e satisfatória, dê conta de todos os casos.

Sabendo-se que o semantismo dos verbos da oração principal constitui um factor decisivo quer na determinação do tipo de eventualidade denotada, quer na sua localização temporal, antes que possamos ter um conhecimento mais rigoroso sobre a questão das relações temporais em estruturas completivas infinitivas, são necessários estudos como o que foi realizado por Silvano (2002)¹².

A segunda dificuldade relaciona-se com a determinação da classe aspectual das predicções: identificar em que classe aspectual se insere uma dada eventualidade não é um processo linear.

Em alguns casos, a compatibilidade das eventualidades denotadas com os testes formais disponíveis permite a integração simultânea em classes aspectuais distintas. Por outras palavras, os testes propostos por diferentes autores nem sempre servem para integrar de forma inequívoca uma eventualidade numa dada classe, porquanto as eventualidades manifestam, por vezes, compatibilidade com testes que apontam em sentidos opostos^{13 14}.

¹¹ Tavares, Miguel Sousa (2001), “A demagogia rodoviária”, *Anos perdidos*. Lisboa: Oficina do Livro, p. 331.

¹² Silvano (2002) analisou as relações temporais entre eventualidades denotadas pelo par oração principal/oração completiva. Com base num *corpus* composto por textos jornalísticos, conferiu especial atenção às orações completivas conjuncionais e infinitivas dependentes de orações principais com os verbos *dizer*, *afirmar*, *pensar*, *considerar* e *querer*. Entre as conclusões apresentadas, defendeu que «quanto à relação das eventualidades das duas orações, a semântica do verbo *querer* conduz à localização das eventualidades das orações complemento num intervalo de tempo posterior ao ocupado pelos estados das orações principais», Silvano (2002: 190). Segundo a mesma autora, «[...] por defeito *querer* projecta para o futuro a eventualidade, seja estado ou evento, descrita na oração subordinada. As excepções a esta relação temporal surgem apenas em contextos contrafactuais, como no seguinte exemplo: “O João queria ter sido engenheiro”», Silvano (2002: 207). É, por isso, relevante o desenvolvimento de estudos como este, que contemplem outros verbos, e que explicitem as condições em que as orações principal e completiva denotam duas eventualidades ou um único estado de coisas complexo.

¹³ Veja-se o exemplo seguinte: Um soldado, que ficara em terra pretendendo ser um foragido do exército atacante, persuadiu artificialmente os Troianos a levarem o cavalo para dentro da cidade. A predicção “que ficara em terra”, uma estrutura com predicado preposicional,

A dificuldade pode resultar da complexidade inerente às eventualidades – uma vez que nem todas se deixam inserir de forma inequívoca nas cinco classes previstas na teorização de Moens (1987) – mas também do facto de as classes aspectuais serem tratadas como unidades discretas. Uma proposta de análise em que os tipos de eventualidades sejam concebidos como classes contínuas (ou escalares) poderá obter resultados interessantes.

Uma ideia que deve ser salientada é a de que a temporalidade da sequência narrativa analisada se caracteriza por um grau de complexidade mais elevado do que a temporalidade da sequência descritiva. Que elementos o permitem afirmar?

– A maior variedade de formas verbais na sequência narrativa (na sequência 1, foram atestadas formas verbais de Pretérito Perfeito Simples, de Pretérito Imperfeito, de Pretérito Mais-que-perfeito Simples e Composto, de Futuro do Pretérito, de Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, e de Pretérito Mais-que-perfeito do Conjuntivo, além das formas nominais de Infinitivo, de Gerúndio e de Particípio Passado; na sequência descritiva, foram atestadas formas de Presente do Indicativo, uma única forma de Pretérito Imperfeito e formas nominais de Infinitivo e de Particípio Passado);

– o maior número de ocorrências de adverbiais temporais na sequência narrativa;

é compatível com testes próprios dos estados e das actividades. Como os estados, tem uma leitura de presente real com o presente do indicativo. Como as actividades, tem uma leitura habitual ou frequentativa com o pretérito perfeito composto. É ainda compatível com testes de agentividade (surge como complemento de obrigar e persuadir, ocorre com o imperativo, com advérbios como *deliberadamente*, e em construções como “o que fez foi...”); todavia, dado que há estados faseáveis que também o são, Cunha (2004) desvalorizou a aplicação destes testes na determinação da classe aspectual das predicções. Optámos por classificar a situação em causa como um estado lexical porque, ontologicamente, parece-nos mais aceitável perspectivá-la como uma situação que se desenrola sem alterações ao longo do intervalo de tempo que ocupa, e que não implica modificações.

¹⁴ Atente-se neste outro exemplo: Os Troianos, depois de várias hesitações, levaram o cavalo para dentro dos muros, convencidos que os gregos se tinham ido realmente embora [...]. O sujeito plural da predicação sublinhada força uma leitura iterativa do evento instantâneo “ir-se embora”, da qual resulta a comutação para a classe aspectual dos eventos prolongados. Cunha (2004) considerou que o pretérito mais-que-perfeito é um tempo verbal relativamente neutro, na medida em que mantém as propriedades aspectuais básicas das situações com que se combina. Mas Lopes (1997) argumentou que, quando se combina com predicados de evento prolongado e de evento instantâneo, o pretérito mais-que-perfeito focaliza uma leitura resultativa, originando uma transição aspectual para a classe dos estados consequentes. Este tempo verbal carrega ambiguidade entre uma leitura resultativa (em que se privilegia o estado consequente que se sobrepõe a um ponto de perspectiva temporal anterior ao intervalo de tempo da enunciação) e uma leitura não resultativa (em que se focaliza o estado de coisas básico, localizado num intervalo anterior ao ponto de perspectiva temporal que, por sua vez, é anterior ao intervalo de tempo da enunciação). Uma vez que a situação denotada na predicação em causa manifesta compatibilidade com testes próprios dos eventos prolongados (ocorre com o adverbial *em duas horas*) e incompatibilidade com testes de estatividade (ocorre como complemento de *forçar* e *persuadir*, com o advérbio *deliberadamente*, com o progressivo), optámos por classificá-la como evento prolongado.

– e o facto de, na sequência narrativa, se estabelecerem relações temporais de sequencialidade, mas também de sobreposição; no âmbito da relação temporal de sequencialidade, observa-se frequentemente isomorfismo entre os planos do discurso e da realidade, mas, por vezes, há inversão temporal (a ordem pela qual as eventualidades são representadas discursivamente é inversa à ordem pela qual se deram na realidade narrada); na sequência descritiva, há quase exclusivamente relações temporais de sobreposição entre as eventualidades.

Parece plausível argumentar que esta assimetria entre a complexidade da expressão da temporalidade na sequência narrativa e na sequência descritiva se deve, em parte pelo menos, a uma característica que há muito é destacada no âmbito da Semiótica Narrativa: é possível descrever sem narrar, mas não é possível narrar sem um mínimo de descrição. Uma sequência narrativa integra necessariamente momentos descritivos (inclusivamente a nível infra-proposicional), observando-se muitas vezes a oposição entre dois planos: um primeiro plano da linha narrativa principal, e um segundo plano, que integra conteúdos apresentados, de um ponto de vista sintáctico-semântico, como menos relevantes em comparação com os que integram a linha narrativa principal.

Dado que a temporalidade da sequência narrativa é mais complexa do que a sequência descritiva (e do que a de outros tipos sequenciais), justifica-se um maior investimento, a nível da investigação realizada e a realizar, nas sequências de tipo narrativo. Possivelmente, muitas das conclusões relativas à expressão do tempo e do aspecto em sequências narrativas serão relevantes (por analogia e por contraste) para as investigações a realizar em sequências textuais de outros tipos.

A seguir, a propósito da sequência narrativa 2 (que actualiza um outro género discursivo), propomo-nos reflectir sobre quais são as propriedades temporais e aspectuais que são comuns à sequência narrativa 1 e quais as que são diferentes. O objectivo principal, de acordo com a redefinição das hipóteses de trabalho colocadas no início da investigação, consiste, agora, em determinar que propriedades são inerentes ao protótipo sequencial narrativo e que propriedades decorrem de condicionalismos impostos pelo género discursivo em que se integra o texto de que a sequência narrativa 2 faz parte.

A **sequência narrativa 2** (ver anexo 3) constitui um texto produzido oralmente e que se insere no género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo. As sequências narrativas que se integram neste género discursivo representam, por definição, eventualidades em curso, ou seja, os estados de coisas referidos no discurso estão a decorrer em simultâneo relativamente ao intervalo de tempo da enunciação. Vejamos que especificidades, a nível das propriedades temporais e aspectuais, são próprias de uma sequência narrativa integrada neste género discursivo.

Entre as marcas de oralidade que a sequência textual manifesta, destacam-se duas que têm consequências para a análise dos mecanismos de coesão temporal e aspectual nela manifestados:

– algumas construções sintáticas não integram qualquer forma verbal¹⁵ (*Simão na abertura no lado esquerdo, a recarga, Nuno Gomes, golo!, o pontapé de Nuno Gomes, defesa de Jens Lehmann*); nesta fase da investigação, estas construções não foram consideradas para efeitos de denotarem eventualidades de uma dada classe aspectual;

– o enunciado *olha* constitui um acto ilocutório directivo, cujo objectivo é incitar os interlocutores a prestarem mais atenção, porque está a decorrer uma jogada importante que pode resultar em golo para Portugal¹⁶.

O tempo verbal de base desta sequência narrativa é o Presente do Indicativo. Ocorre em 10 das 17 predicções (contabilizámos unicamente as predicções que integram forma verbal). O Pretérito Perfeito Simples ocorre em 6 predicções e o Imperativo em 1 (no enunciado *olha*).

A simples constatação de que ocorrem formas verbais do Presente do Indicativo e do Pretérito Perfeito Simples numa sequência textual em que predominantemente são referidas eventualidades que ocupam intervalos de tempo sobrepostos (pelo menos parcialmente) ao intervalo de tempo da enunciação levou-nos a considerar a seguinte hipótese de trabalho:

– quando integrados em enunciados que denotam eventualidades que estão a ocorrer no momento em que são representadas no discurso, neutraliza-se a oposição entre os valores de localização temporal das formas verbais do Presente do Indicativo e do Pretérito Perfeito Simples, referindo estas formas, em todos os casos, um intervalo de tempo sobreposto ao intervalo de tempo da enunciação.

É pertinente testar esta hipótese de trabalho em sequências textuais do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo, mas também em sequências de outros géneros, desde que tenham em comum a seguinte propriedade: os intervalos de tempo da enunciação e os que são ocupados pelas eventualidades denotadas no discurso sobrepõem-se.

Explicitemos a análise efectuada. As formas verbais de Presente do Indicativo denotam, em todas as ocorrências, uma relação de sobreposição

¹⁵ Duas das razões que parecem estar na origem do uso deste tipo de construções sintáticas são as seguintes: quando se dá uma jogada rápida, a elevada velocidade do débito discursivo requer do locutor o uso de construções sintáticas condensadas (é particularmente relevante o exemplo seguinte: *a recarga, Nuno Gomes, golo!*). Além disso, o locutor revela frequentemente uma grande dose de emoção pelo facto de estar a narrar um jogo em que intervém uma selecção de jogadores que representam Portugal, o seu país de origem. O locutor não é, por isso, emocionalmente indiferente ao desenrolar do jogo e ao resultado. Parece plausível supor que essa emoção pode interferir com o seu discurso ao ponto de, em alguns momentos, não serem produzidos enunciados sintacticamente correctos e/ou completos.

¹⁶ A interpretação mais plausível da construção *olha, Portugal em contra-ataque* é a de que ocorrem sequencialmente dois enunciados: a forma verbal imperativa (*olha*) e uma construção sem forma verbal (*Portugal em contra-ataque*), semelhante às seguintes: *Simão na abertura no lado esquerdo e a recarga, Nuno Gomes, golo!*.

entre o intervalo de tempo ocupado pelas eventualidades e o intervalo de tempo da enunciação. Mas há especificidades dos valores que este tempo verbal evidencia, as quais decorrem do género discursivo em que ele é usado. A diferença mais relevante é a seguinte: nos casos em que o Presente do Indicativo ocorre em predicções que denotam eventos, essas eventualidades são episódicas (e não de tipo iterativo ou habitual). Analisemos de forma mais detalhada os valores manifestados pela combinação do Presente do Indicativo com eventualidades de diferentes classes aspectuais.

Nos casos em que o Presente do Indicativo comparece em enunciados estativos (como em *está feito o golo de Portugal*), o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade denotada inclui o intervalo de tempo da enunciação. É esse o valor prototípico do presente do indicativo quando integrado em enunciados que denotam situações estativas.

Quando o Presente do Indicativo comparece em enunciados que referem processos (como em *ataca a Alemanha*), observa-se a mesma relação de inclusão do intervalo de tempo da enunciação no intervalo de tempo mais extenso ocupado pela eventualidade denotada. Da combinação de processos com este tempo verbal, resulta geralmente a expressão do valor de habitualidade. Na sequência narrativa analisada, todavia, o presente do indicativo assinala uma única ocorrência do estado de coisas “a Alemanha atacar”. O valor episódico da eventualidade designada no enunciado *ataca a Alemanha* é explicável pela especificidade do género textual em que a sequência narrativa está integrada: o locutor refere eventualidades que estão a acontecer no intervalo de tempo em que ele as observa e narra, pelo que cada uma dessas eventualidades se dá na realidade objectiva uma única vez¹⁷.

Nos casos em que comparece em enunciados que denotam culminações (como nos exemplos *corta de cabeça Raul Meireles* e *entrega muito bem para Simão Sabrosa*), o Presente do Indicativo também assinala, nesta sequência textual, uma única ocorrência desses estados de coisas. A combinação de uma culminação com o Presente do Indicativo exprime, regra geral, um valor de habitualidade. Nesta sequência textual, contudo, a ocorrência do Presente do Indicativo em enunciados que referem culminações gera um valor episódico, o que se fica a dever às propriedades específicas do género discursivo em que se se insere a sequência narrativa analisada. Há uma relação temporal de inclusão: no caso das culminações, é o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade que está incluído no intervalo de tempo da enunciação.

¹⁷ Em textos deste género discursivo, por defeito, cada eventualidade é referida uma vez no discurso, se acontece uma única vez na realidade objectiva; é referida duas vezes no discurso, se acontece duas vezes na realidade objectiva; e assim sucessivamente. Todavia, há uma excepção nesta sequência narrativa: os enunciados *marca* e *Portugal marca em Basileia*, que ocorrem consecutivamente no discurso, referem a mesma eventualidade. Dado que marcar um golo constitui o momento mais importante de um jogo de futebol, essa repetição destaca discursivamente a relevância da eventualidade, para que fique claro para os interlocutores que houve um golo e que foi Portugal quem marcou. Assim, a redundância reforça a informação que o locutor pretende manifestar.

Esta relação temporal de inclusão parece constituir, em rigor, uma relação de precedência fraca, tal como foi explicitada por Oliveira (2003: 131)¹⁸: a relação de precedência fraca entre dois intervalos de tempo verifica-se quando há pelo menos um momento do intervalo de tempo ocupado pela eventualidade denotada que precede imediatamente ou que se sobrepõe a um momento do intervalo de tempo da enunciação.

Relativamente ao Pretérito Perfeito Simples, em todos os casos atestados na sequência textual, este tempo verbal localiza as eventualidades denotadas num intervalo de tempo anterior ao momento da enunciação. Mas, dadas as características do género discursivo do texto em que ocorre, em alguns casos, ou há contiguidade ou existe um período de tempo mínimo entre o intervalo de tempo em que a eventualidade se deu e o intervalo de tempo da enunciação. É o que se verifica nos enunciados seguintes: *atirou e defendeu Lehmann*. Ou seja, estes enunciados evidenciam que, também no caso da comparência do Pretérito Perfeito Simples em enunciados que denotam culminações, é plausível aplicar o conceito de precedência fraca: o intervalo de tempo ocupado pela culminação denotada num enunciado com forma verbal de Pretérito Perfeito Simples precede fracamente o intervalo de tempo da enunciação.

Decorre destas reflexões sobre os valores dos dois tempos verbais na sequência analisada que, na sequência narrativa 2, inserida num texto do género discursivo em causa, dá-se a neutralização dos valores de localização no eixo do tempo que são manifestados pelas formas verbais de Presente do Indicativo e de Pretérito Perfeito Simples. Quanto à localização cronológica das eventualidades, nesta sequência narrativa não há diferença entre os seguintes pares de enunciados:

- *fica a bola para Deco e ficou a bola para Deco*;
- *entrega muito bem para Simão Sabrosa e entregou muito bem para Simão Sabrosa*;
- *defende Lehmann e defendeu Lehmann*.

As excepções a esta neutralização encontram-se nos últimos 3 enunciados com formas de Pretérito Perfeito Simples, que se inserem na macroproposição correspondente ao Resumo e que, por isso mesmo, representam eventualidades localizadas em intervalos de tempo claramente anteriores ao intervalo de tempo da enunciação.

A confirmar-se os valores descritos dos dois tempos verbais, esta será uma propriedade inerente ao género discursivo relato de acontecimento des-

¹⁸ «Uma das relações fundamentais entre intervalos é a de precedência fraca, simbolizada por “≤”, da qual duas outras se podem derivar, a de sobreposição, simbolizada por “O” e a de precedência estrita, simbolizada por “<”. Um intervalo I precede fracamente outro, I’ (I ≤ I’), quando há algum ponto de I que precede ou é igual a algum ponto em I’». A citação diz respeito à relação temporal entre intervalos de tempo ocupados por duas eventualidades denotadas em exemplos como *A Maria adormeceu enquanto ouvia música*. Mas o mesmo raciocínio é válido para a relação temporal entre o intervalo de tempo da enunciação e o intervalo de tempo de uma eventualidade referida no discurso.

portivo em directo e, eventualmente, a textos de outros géneros discursivos que partilhem a propriedade de representar discursivamente as eventualidades que estão a decorrer durante o intervalo de tempo da enunciação – mas não se trata, evidentemente, de uma propriedade típica do protótipo sequencial narrativo.

Esta questão, todavia, é particularmente complexa e requer uma definição rigorosa do conceito de presente: numa perspectiva discursiva, pode conceber-se o presente como sendo coincidente com o intervalo de tempo da enunciação (entenda-se “coincidente com o intervalo de tempo que um sujeito falante demora a produzir um enunciado”). Se se aceita esta definição de tempo presente, então é plausível propor que, em muitos enunciados desta sequência narrativa (nomeadamente naqueles que denotam culminações), há relações temporais de sobreposição parcial ou de precedência fraca entre o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade e o intervalo de tempo da enunciação. E, desse modo, é legítimo argumentar que, neste género discursivo, por vezes dá-se a neutralização entre os valores de localização no eixo cronológico dos tempos verbais Presente do Indicativo e Pretérito Perfeito Simples.

Relativamente aos adverbiais temporais, ocorrem 3 nesta sequência textual. Aplicando o mesmo tipo de cálculo que foi aplicado à sequência descritiva e à sequência narrativa 1 para determinar uma taxa de ocorrência em valores percentuais, 17,7 % das predicções da sequência narrativa 2 incluem um adverbial temporal. Recorde-se que o valor atestado na sequência narrativa 1 foi de 26,2 %, enquanto o valor apurado na sequência descritiva foi de 6,2 %. Estes valores apontam no sentido de, tendencialmente, ocorrerem mais adverbiais temporais nas sequências narrativas do que nas sequências descritivas.

Quanto às classes aspectuais em que se inserem as eventualidades denotadas, em 17 predicções consideradas, ocorrem 13 culminações, 2 processos e 2 estados. Deste modo, são representadas 15 situações eventivas e apenas 2 situações estativas. Tal como na sequência narrativa 1, predominam os eventos. Mas na sequência narrativa 1, a classe dos processos culminados é aquela que mais vezes ocorre. Na sequência narrativa 2, é a classe das culminações a mais atestada. Estará o predomínio das culminações sistematicamente associado a sequências narrativas integradas no género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo? Dadas as propriedades específicas dos textos que se inserem neste género discursivo, é uma hipótese plausível.

Entre as relações discursivas inferíveis na sequência narrativa 2, predomina a relação de *NARRAÇÃO* (6 vezes), sendo também inferíveis as relações discursivas de *RESULTADO* (3 vezes) e de *ELABORAÇÃO* (3 vezes). Quer o predomínio destas três relações discursivas na organização textual, quer os valores relativos atestados, são idênticos aos que foram apurados na sequência narrativa 1. Sublinhe-se, contudo, que, na sequência narrativa 2, não é atestada a relação discursiva de *CAUSA*. Em textos deste género discursivo, o locutor tem a preocupação de representar as eventualidades no

discurso de modo a que a ordem discursiva reflecta a ordem pela qual elas se dão na realidade que é objecto de narração.

A análise efectuada reforça a ideia já exposta segundo a qual as sequências narrativas evidenciam as duas seguintes propriedades prototípicas:

- a) denotam predominantemente eventualidades da classe dos eventos;
- b) as eventualidades predominantemente mantêm entre si relações de sequencialidade temporal.

Destacamos uma última nota importante relativamente à sequência narrativa 2: ao contrário do que é comum noutras sequências narrativas, nela não se estabelece uma oposição entre eventualidades que se inscrevem na linha narrativa principal e no segundo plano, pois todas as eventualidades representadas no discurso são projectadas para o primeiro plano. Assim, o contraste entre primeiro e segundo plano, tão característico de sequências narrativas inseridas em textos de outros géneros discursivos, não se observa na sequência narrativa 2. A ausência dessa oposição parece ser uma propriedade inerente ao género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo. Este dado reforça a ideia segundo a qual há uma interacção dinâmica entre a categoria “protótipo sequencial” e a categoria “género discursivo”, no sentido de, concomitantemente, ambas condicionarem e pré-determinarem as propriedades temporais e aspectuais dos textos.

Concluiremos o artigo com a sistematização das principais conclusões e a indicação de algumas pistas de trabalho que nos propomos seguir.

6. Conclusões e pistas de investigação

Ao longo deste artigo, demonstrámos que a pré-selecção de uma sequência narrativa determina a ocorrência predominante de estados de coisas eventivos e da relação temporal de sequencialidade entre esses eventos. Evidenciámos, também, que a pré-selecção de uma sequência descritiva determina a ocorrência predominante de situações estativas e da relação temporal de sobreposição entre essas eventualidades.

Além disso, mostrámos que a selecção de um dado género discursivo pode influenciar decisivamente as propriedades temporais e aspectuais de uma sequência textual. A escolha do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo estabelece que o locutor pode optar entre dois tempos verbais como tempo verbal de base: o Presente do Indicativo ou o Pretérito Perfeito Simples (sendo possível a alternância de ambos na mesma sequência narrativa). Em sequências narrativas inseridas em textos de outros géneros discursivos não existe geralmente esta opção, porquanto o tempo verbal de base é, por defeito, o Pretérito Perfeito Simples.

E em sequências narrativas nas quais predominam formas verbais de Presente do Indicativo com o valor de “presente histórico”? Revelarão elas

propriedades idênticas às que foram indicadas na sequência narrativa 2? Cremos que se trata de uma pista de investigação pertinente.

Parece-nos, pois, plausível continuar a testar a seguinte hipótese de trabalho: entre o protótipo sequencial e o género discursivo em que se insere o texto produzido, há uma interacção que contribui para determinar a manifestação de algumas propriedades (temporais, aspectuais ou outras) na superfície textual.

Há textos inseridos num género discursivo bem identificado que, actualizando um dado protótipo sequencial, manifestam propriedades temporais e aspectuais decorrentes dos condicionalismos e das características inerentes a esse género. Referimo-nos, por exemplo, a textos já analisados, como o relato de acontecimento desportivo em directo e textos de instruções como a receita de culinária e o modo de emprego. Justifica-se, por isso, estudar a temporalidade em textos de muitos outros géneros, no sentido de explicitar as suas propriedades específicas.

Como súpula desta apresentação, defendemos a ideia segundo a qual se pode conceber o protótipo sequencial narrativo e o protótipo sequencial descritivo como dois pólos de um *continuum*, os quais evidenciam as seguintes propriedades temporais e aspectuais:

- no protótipo sequencial narrativo, são predominantemente denotadas situações eventivas que mantêm entre si relações temporais de sequencialidade;
- no protótipo sequencial descritivo, são predominantemente denotadas situações estativas que mantêm entre si relações temporais de sobreposição.

Sublinhe-se, no entanto, o que atrás foi referido: há uma assimetria na complexidade da expressão de valores temporais e aspectuais entre estes dois pólos. A expressão do tempo e do aspecto em sequências narrativas é muito mais complexa do que em sequências descritivas.

Anexo 1 (sequência descritiva)

A grande obra artística da reforma pombalina é o Museu de História Natural, que **andava a ser construído em 1779**.

Trata-se de um edifício com uma longa fachada de cento e onze metros de comprimento, dividida em três corpos, bem demarcados por pilastras.

O do meio **exibe** no piso térreo três aberturas em arcaria, encimadas por outros tantos janelões com gradaria de ferro, a **mostrar** na parte central um medalhão ovalado onde se **encontra** esculpida a efígie do marquês e coroados por pequenos frontões triangulares.

Demarcam esta zona, **intervalando** as aberturas, quatro pilastras dóricas adossadas à parede e **remata** o conjunto um largo frontão triangular, ornamentado no seu tímpano com um relevo da autoria de Machado de Castro **representando** a Natureza.

Os corpos que se **alargam** de um e outro lado deste quase pseudotemplo, também com pilastras a **demarcar** os cunhais, **ostentam** no primeiro

piso janelas e no térreo alternância de portas coroadas por pequenos frontões triangulares e aberturas similares às do piso superior. O edifício é excelentemente marcado.

Corre sobre a cimalha uma platibanda com balaústres na prumada das janelas e urnas e pirâmides (elemento este arcaizante) a **confirmar** o ritmo marcado na fachada.¹⁹

Anexo 2 (sequência narrativa 1)

TRÓIA, GUERRA DE – A Guerra de Tróia, uma guerra dos fins da Idade do Bronze, entre invasores **vindos** da Grécia e habitantes de origem grega duma cidade da Ásia menor, Tróia, **deu** origem a um conjunto de lendas, que **vieram a ter** uma enorme importância nas expressões literárias, artísticas e dramáticas das Civilizações Clássicas.

Esquemáticamente, **sucedeu** o seguinte:

Quando a bela princesa grega Helena atingiu a idade de casar, teve fortes e numerosos pretendentes. Para **evitar** quezílias, todos os pretendentes a essa princesa **juraram aceitar** o marido que ela **escolhesse** e **ajudá-lo a defender** e a **conservar** a sua esposa. Helena **escolheu** Menelau. Anos depois, Páris, príncipe de Tróia, **visitou** a corte de Menelau, como embaixador, e **acabou por seduzir e raptar** a sua bela rainha, **levando-a** para Tróia. Menelau **evocou** o juramento **feito** pelos outros pretendentes, todos eles reis e príncipes gregos, a fim de em conjunto **irem recuperar** a bela Helena.

Sob o comando do soberano de todos eles, o rei Agamémnon, irmão de Menelau, uma enorme armada **partiu** do porto de Áulis com destino a Tróia. Essa armada **era liderada** por um grupo **constituído** pelos mais famosos guerreiros da lenda grega. Chegados a Tróia, cercaram a cidade durante nove anos, sem resultados, embora durante esse tempo tivessem ocorrido notáveis episódios guerreiros e a vitória **tivesse estado várias vezes** ao alcance de qualquer uma das partes. Finalmente, Ulisses, o mais arguto dos chefes atacantes, **concebeu** um plano por meio do qual **conseguiram tomar** a cidade. **Construíram** um enorme cavalo de madeira, dentro do ventre do qual se **escondeu** um grupo de guerreiros audaciosos e decididos. Depois, a armada **partiu** da praia frente a Tróia, **levando** todos os atacantes, **navegando sempre até desaparecer na linha do horizonte**.

Um soldado que **ficara** em terra, **pretendendo ser** um foragido do exército atacante, **persuadiu** artificialmente os Troianos **a levarem** o cavalo para dentro da cidade. Os Troianos, depois de várias hesitações, **levaram** o cavalo para dentro dos muros, **convencidos** que os gregos se **tinham ido** realmente embora, e **exultaram** de alegria.

Naquela noite, a armada grega **regressou** e **desembarcou** as tropas na costa, próximo de Tróia, mas longe das vistas dos vigias troianos; ao mesmo

¹⁹ Anacleto, Regina (1993). *História da arte em Portugal*, vol. 10 (*Neoclassicismo e Romanticismo*). Lisboa: Alfa, p. 40.

tempo, do ventre do cavalo **saíram** os guerreiros que, **aproveitando-se** da quietação da noite, **dominaram** a guarnição duma porta da cidade e **abriram-na** de par em par. **Deu-se** então o ataque. As tropas atacantes, que entretanto se **tinham aproximado** a coberto da noite, **entraram** na cidade por essa porta e Tróia **foi** assim **tomada** à traição, **incendiada** e **destruída**. Os homens **foram mortos**, as mulheres **escravizadas**, e poucos troianos **escaparam** ao massacre geral. Entre esses afortunados que **conseguiram fugir**, **contava-se** o príncipe Eneias, que **iria eventualmente fundar** Roma.²⁰

Anexo 3 (sequência narrativa 2)

Ataca a Alemanha, Friedrich lado direito para Schweinsteiger à entrada da área, **corta** de cabeça Raul Meireles, **fica** a bola para Deco, **limpa** muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger, depois **sai a jogar** Deco, **entrega** muito bem para Simão Sabrosa, **olha**, Portugal em contra-ataque, Simão na abertura no lado esquerdo, Cristiano Ronaldo **já deixou** para trás um adversário, Cristiano Ronaldo, **pode ser** o golo, **atirou**, **defendeu** Lehmann, a recarga, Nuno Gomes, golo! Nuno Gomes! Golo de Portugal! **Marca**, Portugal **marca** em Basileia! O pontapé de Nuno Gomes! Golo de Portugal! Nuno Gomes na recarga a um primeiro remate de Cristiano Ronaldo, defesa de Jans Lehmann, na recarga, Nuno Gomes **atirou** para o fundo da baliza germânica, a bola ainda **bateu** num defesa alemão mas **foi** para as redes da baliza e **está feito** o golo de Portugal.²¹

Referências bibliográficas

- Adam, Jean-Michel (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Éditions Nathan.
- Adam, Jean-Michel (2001). *Les textes: types et prototypes*, 4.º éd. Paris: Éditions Nathan.
- Adam, Jean-Michel (2008). *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*, 2.º éd. Paris: Armand Colin.
- Bakhtine, Mikhaïl (1984¹⁹⁵²⁻¹⁹⁵³). Les genres du discours (trad.). In *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, pp. 263-308.
- Cunha, Luís Filipe (2004). *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

²⁰ Tavares, Jorge Campos (1992). *Deuses, mitos e lendas*. Porto: Lello & Irmão, pp. 407-408.

²¹ Excerto de relato desportivo (emitido pela TSF) do jogo de futebol Portugal–Alemanha a contar para os quartos-de-final do Campeonato da Europa que decorreu em Basileia, no dia 19 de Junho de 2008.

- Kamp, Hans, e Uwe Reyle (1993). *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Lascarides, Alex, e Nicholas Asher (1991). Discourse relations and defeasible knowledge. *Proceedings of the 29th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*. Berkeley, pp. 55-63.
- Lascarides, Alex, e Nicholas Asher (1993). Temporal interpretation, discourse relations and common sense entailment. *Linguistics and philosophy* 16 (5), pp. 437-493.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1995). Para uma análise semântica dos tempos do presente em português. *Cadernos de semântica* 21. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1997). Para uma análise semântica e pragmática do pretérito mais-que-perfeito do indicativo em português contemporâneo. In Brito, Ana Maria, *et alii* (Org.), *Sentido que a vida faz (Estudos para Óscar Lopes)*. Porto: Campo das Letras, pp. 657-670.
- Mann, William (2005) "Intro to RST/Rhetorical Structure Theory", <http://www.sfu.ca/rst/01intro/intro.html#top>.
- Mann, William, e Sandra Thompson (1987). Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization, <http://www.sfu.ca/rst/05bibliographies/report.html>
- Mateus, Maria Helena Mira, *et alii* (2003). *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- Moens, Marc (1987). *Tense, aspect and temporal reference*. Edinburgh: University of Edinburgh.
- Oliveira, Fátima (2003). Tempo e aspecto. In Mateus, Maria Helena Mira, *et alii*, *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, pp. 127-178.
- Petitjean, André (1989). Les typologies textuelles. *Pratiques* 62, pp. 86-125.
- Silva, Paulo Nunes da (2005a). *O Tempo no Texto*. Tese de Doutoramento, Universidade Aberta.
- Silva, Paulo Nunes da (2005b). Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de instruções: o exemplo da receita de culinária. In Carvalho, Dulce, Dionísio Vila Maior, e Rui de Azevedo Teixeira (Eds.), *Des(a)fiando discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 587-597. (Disponível online no seguinte endereço: [http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/395/1/Des\(a\)fiando%20Discursos587-597.pdf.pdf](http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/395/1/Des(a)fiando%20Discursos587-597.pdf.pdf))
- Silva, Paulo Nunes da (2006). A expressão do tempo num texto de instruções do sub-género 'modo de emprego'. *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, pp. 647-658.
- Silva, Paulo Nunes da (2008a). O tempo numa sequência descritiva. *Actas do colóquio "Diálogos com a Lusofonia"* (Colóquio comemorativo dos 30 anos da secção portuguesa do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia), pp. 390-407. (Disponível online no seguinte endereço: http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_

ISliI-UW_32_SILVA-Paulo-NUNES-da_O-tempo-numa-sequencia-descritiva.pdf)

- Silva, Paulo Nunes da (2008b). O Tempo no Texto. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 1 (Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL), pp. 241-254.
- Silva, Paulo Nunes da (2009). O tempo numa sequência narrativa integrada num texto do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo (a ser publicado nas *Actas do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*).
- Silvano, Maria da Purificação Moura (2002). *Sobre a semântica da sequência de tempos em português europeu. Análise das relações temporais em frases complexas completivas*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.
- Vendler, Zeno (1967). Verbs and times. In *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, pp. 97-121.